

*“A humanidade, que já agora corre grave risco, chegará, talvez, desgraçadamente, apesar da sua admirável ciência, àquela hora em que não conhecerá outra paz além da horrível tranquilidade da morte... Com as armas científicas, **as ações bélicas já vão muito além dos limites da legítima defesa...** O que nos obriga a encarar a guerra com uma mentalidade totalmente nova” (GS 82.80).*



Conflito Ucrânia-Rússia

Ai dos vencedores!

Reflexões éticas

Os romanos costumavam dizer “ai dos vencidos” (*vae victis*), talvez por saberem vencer melhor do que nós... O certo é que, após a **Primeira Guerra Mundial, os vencedores foram tão cruéis com a Alemanha derrotada, na paz de Versalhes, que contribuíram para o aparecimento do nazismo.** Os alemães não são, em si mesmos, racistas, mas o certo é que se deu, então, origem a uma geração humilhada que fomentou o racismo e aplaudiu a vitória de Hitler.

E a história repete-se: após a queda do comunismo soviético, os vencedores comportaram-se do mesmo modo cruel com a Rússia, deixando-a como a Alemanha em 1918. O que facilitou o aparecimento do ditador Putin, com o apoio do povo russo. “O homem é o único animal que tropeça duas vezes na mesma pedra”.



O resultado foi o seguinte: da Primeira à Segunda Guerra Mundial decorreram cerca de vinte anos e, agora, decorreram quase oitenta, desde a Segunda,

à que poderíamos chamar terceira Guerra Mundial: **algo se progrediu, mas não o suficiente.** E, além disso, não parece que tenhamos aprendido com as lições do passado: o invencível Napoleão fracassou no seu intento de invadir a Rússia. E ao “invencível” Hitler sucedeu algo parecido...



E, como sempre, agimos com dois pesos e duas medidas. Aquando da crise dos mísseis de Cuba, os Estados Unidos defenderam com muita clareza o seu direito a não ter tão perto de si aquela ameaça, e sentiram-se no direito de invadir Cuba, desencadeando aquela situação ridícula da baía dos Porcos. Não reconheceram, porém, à Rússia, idêntico direito a não suportar uma ameaça a, apenas, quinhentos quilómetros das suas fronteiras.

Mais do mesmo: criticámos, outrora, com razão, o expansionismo soviético, mas esquecemo-nos de que a NATO, também, não tinha nenhum direito a expandir-se para Leste

(Roménia, Bulgária e, agora, a Ucrânia) quando, além do mais, ela **pretende ser uma organização “apenas defensiva”**. E deixemo-nos de falar como as crianças, quando brigam umas com as outras: “Foi ele que começou”.

Além disso, damos ouvidos às informações de um mentiroso oficial (como o senhor Boris Johnson), sobre o plano da Rússia para invadir, imediatamente, a Ucrânia. E tudo isto para não referir quão ridículos nos mostrámos com o nosso escândalo (legítimo, sem dúvida) sobre o caso Navalny, que não nos levou a abrir os olhos face ao nosso vergonhoso caso Assange, criticado, inclusivamente, pela *Amnistia Internacional*...

Poderão chamar-me, agora, comunista, pró-soviético, antipatriota e todos esses adjetivos que temos sempre a jeito. Eu poderia responder que **não estou a elogiar a Rússia (sobre a qual aqui não falo), mas a criticar o Ocidente**. Prefiro, porém, referir um exemplo que considero profundamente cristão: em 1956, aquando da selvagem invasão da Hungria por parte da URSS, houve em todo o mundo ocidental manifestações verbais e de rua contra este crime. E despertou muito a atenção o facto de Karl Barth (figura muito conhecida no mundo académico de então e, talvez, o mai-

or teólogo do século XX) se ter negado a participar em todas elas. Barth, porém, limitou-se a responder: “Não temos direito a criticar a URSS pois, mesmo fracassando, foi com a intenção de resolver um problema que nós, ocidentais, nem sequer quisemos abordar: o problema social”. Barth não defendia a URSS, mas pedia que examinássemos as nossas consciências.



Quem tiver ouvidos para ouvir que oiça, costumava dizer Jesus de Nazaré. E acrescentava o seguinte: retira primeiro a trave que tens no teu olho e, então, poderás dizer ao teu irmão que te deixe tirar o cisco que tem no seu.

Reflexões práticas

Por um dos muitos paradoxos da vida, **uma das grandes vantagens do Ocidente converte-se, agora, numa desvantagem**: se houver uma nova guerra, já não bastará apressarmo-nos a prestar uma homenagem aos caídos (na Normandia, por exemplo), pois não lhes devolveremos a vida com isso, nem ficaremos de consciência tran-

quila. Teremos é de pensar muito seriamente neles, antes que caiam no campo de batalha: no sofrimento (afetivo e físico) de cada pessoa concreta, nas noites mal passadas, na dor das famílias a quem é comunicada a perda de um filho, ou das que vivem sob o temor dessa notícia, nos soldados que pensam nas suas famílias... Os Estados Unidos não deveriam esquecer a quantidade de cidadãos psicologicamente enfermos, fruto das suas aventuras bélicas no **Vietname, no Iraque, no Afeganistão** (de que, aliás, não se saíram muito bem visto) e que provocaram uma multidão de “objeções de consciência”, (ou “objetores por experiência”). É esse o preço da liberdade conquistada.

Mas isso não acontecerá na Rússia, por aí se não ter tanta experiência da liberdade. E é face a esta fraqueza que surge a tentação do armamento à distância e das armas atômicas: não nos esqueçamos que foi assim que se justificou o lançamento da bomba atômica: “para evitar males maiores”. **Também não bastará recorrer a uma guerra de sanções**, visto que isso implicará que a Alemanha fique sem o gás que lhe vem da Rússia, situação inviável e inimaginável.

Recordemos, pois, algumas palavras do Vaticano II “*A humanidade, que já agora corre grave risco, chegará, tal-*

vez, desgraçadamente, apesar da sua admirável ciência, àquela hora em que não conhecerá outra paz além da horrível tranquilidade da morte... Com as armas científicas, as ações bélicas já vão muito além dos limites da legítima defesa... O que nos obriga a encarar a guerra com uma mentalidade totalmente nova” (GS 82.80).

E proponha o Concílio duas soluções que deixaram, totalmente, de ser aplicadas: “**o estabelecimento duma autoridade pública universal**” “**suster a corrida ao armamento que é a praga mais grave da humanidade, e prejudica os pobres da terra duma forma intolerável**” (82,81).

Conclusão

Esperemos, pois, que não haja derramamento de sangue, que as negociações se intensifiquem, que se chegue a **uma situação aceitável para todos** (o que implicará renúncias de ambas as partes): uma solução aceitável, **sobretudo, para a Ucrânia**, que é quem mais sofreria em caso de guerra. E que tudo o que aqui escrevo acabe por ser, na verdade, perfeitamente inútil.

J. I. GONZÁLEZ FAUS

https://www.religiondigital.org/miradas_cristianas/Ay-vencedores_7_2417828208.htm

Da cultura da indiferença aos negócios da guerra

Hoje, na mobilização das economias, o mais importante é a guerra: guerra ideológica, guerra de poderes, guerra comercial e tantas fábricas de armas.

1. Ainda não sabemos se o diálogo evitará a tragédia da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, dois países de tradição cristã. Não nos fazia mal nenhum visitar os começos da história cristã que muitos só conhecem com os pedacinhos dos Evangelhos das missas de Domingo e alguns nem isso. Católicos ou não, crentes ou não crentes, vivemos todos sob a ameaça da guerra ou dos seus efeitos, globais e locais. O mapa dos conflitos, das guerras e das ameaças de mais conflitos e mais guerras, e das suas consequências, está sempre a refazer-se e é medonho. Mas dizer que *sempre assim foi e sempre assim será* é colaborar na “cultura da indiferença”. É sobretudo um insulto à nossa condição. Somos seres históricos para o bem a realizar e para o mal a evitar. O determinismo não é humano nem cristão.

O grande livro, *A arte de viver em Deus*, de Timothy Radcliffe, tem um capítulo sobre *a imaginação não-violenta*. É um percurso exemplar sobre a não-violência e as guerras, ao

longo da história do Cristianismo. Deixo aqui apenas algumas referências [1].

Jesus cresceu numa terra que feria de violência contra a violência dos ocupantes romanos. Os seus contemporâneos rezavam pela destruição dos seus opressores. Os discípulos, que o acompanharam até Jerusalém, confiavam que Ele, provavelmente, suscitaria uma rebelião. Mas, quando a crise chegou, Jesus recusou abraçá-la. Ficaram perplexos e desapontados. Talvez tenha sido esse facto que impeliu Judas à traição. Os discípulos, a caminho de Emaús, lamentam-se a um estranho que os surpreendeu: *esperávamos que fosse Ele o que viria redimir Israel* (Lc 24, 21). Não tinham entendido o alcance do ensinamento do Mestre. Hoje, também poucos cristãos seguem o seu radicalismo.

Nos primeiros séculos, a conversão a Jesus Cristo implicava a rejeição de toda a violência. Os cristãos negaram-se a participar na rebelião do ano 70. Durante os três primeiros séculos, com poucas excepções, recusaram-se a servir o exército ou a

aceitar qualquer cargo que pudesse envolver a aplicação da pena de morte. Os soldados que eram batizados depunham as suas armas – o que redundava, muitas vezes, no próprio martírio. O mártir S. Justino, que morreu cerca do ano 165, escreveu: nós, que estávamos fartos de guerra, de mútua chacina e de toda a maldade, transformamos os nossos instrumentos de guerra: as nossas espadas em arados e as nossas lanças em alfaias de agricultura. Cultivávamos a piedade, a justiça, o amor da humanidade, a fé e a esperança.

S. Maximiliano foi decapitado por se ter negado a fazer parte do exército romano. Quando foi julgado declarou: não posso servir o exército. Não posso praticar o mal. Não serei um soldado deste mundo. Sou um soldado de Cristo. O *sim* ao Deus da vida era um *não* indiscutível à violência.

Depois da conversão de Constantino (312) [2], esse radicalismo foi esmorecendo. A partir de Santo Agostinho (séc. V), passou a discutir-se sobre a guerra justa e injusta. Mais tarde, os soldados foram enviados para os campos de batalha por bispos e papas. Perdia-se a imaginação cristã da não-violência e nem sequer havia uma palavra para ela até ao início do século XX. Foi Mahatma Gandhi que chamou ao seu modo de luta, que travou contra a Inglaterra, prática da *não-violência*.

Ao dirigir-se às Nações Unidas, em 1965, Paulo VI repetiu praticamente as palavras de Jesus aos seus discípulos: nunca mais a guerra. Se desejais ser cristãos, abandonai as

armas. O amor dos inimigos é o âmagô da revolução cristã.

O século passado foi, talvez, o mais violento da história humana: os massacres de duas guerras mundiais, a chacina de povos inteiros, desde os arménios, na Turquia, até ao Ruanda. O termo *genocídio* foi inventado para descrever o holocausto mecânico dos judeus, na *Shoah*, desenvolvendo toda a eficiência da moderna tecnologia. No século passado, foram lançadas as bombas atómicas sobre Nagasaki e Hiroshima, o assassínio de centenas de milhões de pessoas por Estaline, Mao Tsé-Tung e Pol Pot. Vivemos a ascensão do jihadismo violento, o culto da morte do Daesh, a fúria cega do Boko Haram, a chacina de muçulmanos e de cristãos na Índia, o massacre de crianças nos bairros pobres dos EUA, a violência, ataques e raptos aumentam de novo em Cabo Delgado (Moçambique). Estes surtos de violência horrenda são, frequentemente, descritos como medievais. Infelizmente, são mais típicos da modernidade.

Como diz o citado P. Timothy, se o Cristianismo conseguir influenciar a imaginação dos nossos contemporâneos, será, decerto, mediante a recuperação da *não-violência* radical de Jesus.

2. No recente diálogo do Papa com Fabio Fazio, no programa televisivo *Che tempo che fa*, declarou que a guerra é um contrassenso, uma loucura: “na imaginação universal o que conta é a guerra, a venda de armas. *Basta pensar que com um ano sem produzir armas se poderia dar de*

comer e educação a todo o mundo, gratuitamente".

Hoje, na mobilização das economias, o mais importante é a guerra: guerra ideológica, guerra de poderes, guerra comercial e tantas fábricas de armas. Trabalhar a terra, tomar conta dos filhos, manter uma família, fazer a sociedade crescer, é construir. Fazer a guerra é destruir. É mesmo uma mecânica de destruição.

A crescente interdependência e a globalização significam que a resposta que se der à ameaça de armas nucleares deve ser coletiva e planeada, baseada na confiança recíproca, que só pode ser construída através do diálogo sinceramente dirigido para o bem comum e não para a tutela de interesses velados ou particulares. Com o dinheiro usado em armas e noutras despesas militares, constituamos um Fundo mundial, para acabar de vez com a fome e para o desenvolvimento dos países mais pobres, a fim de que os seus habitantes não recorram a soluções violentas ou enganadoras, nem precisem de abandonar os seus países à procura duma vida mais digna [3].

Ao voltar à questão dos migrantes, o Papa sublinha: devemos pensar inteligentemente na política migratória, uma política continental. O facto de o Mediterrâneo ser, hoje, o maior cemitério da Europa deve fazer-nos pensar.

3. Não é só o fabrico e o comércio

de armas que constituem uma vergonha. Mais vergonhoso ainda é o comércio de seres humanos. Como diz o Papa Francisco [4], o tráfico de pessoas, por meio da exploração doméstica e sexual, devolve violentamente mulheres e meninas ao seu suposto papel de subordinadas à prestação de serviços domésticos e sexuais, ao seu papel de cuidadoras e doadoras de prazer, que repropõe um padrão de relações marcado pelo poder do género masculino sobre o feminino, ainda hoje e ao mais alto nível.

Para combater a cultura da indiferença, instituiu o dia 8 de Fevereiro como Dia Mundial de Oração e Reflexão contra o Tráfico de Pessoas. Essa data não está esquecida. Na passada terça-feira, a União Internacional das Superiores e dos Superiores Gerais e a Rede *Talitha Kum* promoveram uma maratona de oração, de reflexão e de testemunhos contra uma vergonhosa actualidade.

Não à guerra, não à violência!

[1] Cf. pp. 180-199

[2] Em 313, Constantino reconheceu oficialmente o cristianismo como religião pelo Édito de Milão.

[3] *Fratelli Tutti*, 262

[4] Mensagem do Papa para o Dia Mundial de Oração e Reflexão contra o Tráfico de Pessoas, 7.02.2022

Frei Bento Domingues

<https://www.publico.pt/2022/02/13/opiniao/opiniao/cultura-indiferenca-negocios-guerra-1995236>

A guerra total

80. Com o incremento das armas científicas, tem aumentado desmesuradamente o horror e maldade da guerra. Pois, com o emprego de tais armas, as ações bélicas podem causar enormes e indiscriminadas destruições, que desse modo já vão muito além dos limites da legítima defesa. Mais ainda: se se empregasse integralmente o material existente nos arsenais das grandes potências, resultaria daí o quase total e recíproco extermínio de ambos os adversários, sem falar nas inúmeras devastações provocadas no mundo e nos funestos efeitos que do uso de tais armas se seguiriam.

Tudo isto nos força a considerar a guerra com um espírito inteiramente novo. Saibam os homens de hoje que darão grave conta das suas atividades bélicas. Pois das suas decisões atuais dependerá em grande parte o curso dos tempos futuros.

Tendo em atenção todas estas coisas, e fazendo suas as condenações da guerra total já anteriormente pronunciadas pelos Sumos Pontífices, este sagrado Concílio declara:

Toda a ação bélica que tende indiscriminadamente à destruição de cidades inteiras ou vastas regiões e seus habitantes é um crime contra Deus e o próprio homem, que se deve condenar com firmeza e sem hesitação.

O perigo peculiar da guerra hodierna está em que ela fornece, por assim dizer, a oportunidade de cometer tais crimes àqueles que estão de posse das modernas armas científicas; e, por uma consequência quase fatal, pode impelir as vontades dos homens às mais atrozes decisões. Para que tal nunca venha a suceder, os Bispos de todo o mundo, reunidos, imploram a todos, sobretudo aos governantes e chefes militares, que ponderem sem cessar a sua tão grande responsabilidade perante Deus e a humanidade.

Gaudium et spes, §80.